



CRIAÇÃO ARTIFICIAL E REINTRODUÇÃO NO GRUPO FAMILIAR DE UM FILHOTE DE GUIGÓ *Callicebus nigrifrons* Spix, 1823 NA FUNDAÇÃO ZOO-BOTÂNICA DE BELO HORIZONTE, MG

Valéria do Socorro Pereira¹; Maria Elvira Teixeira Loyola da Costa¹; Marcela Miranda Luppi¹; Marcelo de Campos Cordeiro Malta¹; Dália Rizel Nogueira¹.

¹Departamento de Jardim Zoológico da Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte, Av. Otacílio Negrão de Lima, 8.000, Pampulha, 31365-450, Belo Horizonte, MG, fzbzoo@pbh.gov.br.

O guigó pertence ao gênero *Callicebus*. A espécie *C. nigrifrons* é encontrada na Mata Atlântica do sudeste do Brasil. São monogâmicos, de temperamento tímido e vivem em unidades familiares. O período de gestação é em média de cinco meses e em geral nasce um filhote que é carregado pela mãe apenas no primeiro dia. O pai é responsável pelo transporte e proteção do filhote. Desde 1998 a Fundação Zoo-Botânica vem estudando seu comportamento em cativeiro. Em um grupo formado por um casal adulto e 2 jovens nascidos e criados pelos pais, a fêmea adulta apresentou distocia e foi submetida a uma cesariana em 15/08/06, vindo a óbito. O filhote macho, pesando 127g, foi então criado artificialmente. A criação artificial é um processo trabalhoso e, apesar de garantir a sobrevivência do indivíduo, não permite que o este adquira o repertório comportamental típico, o que pode dificultar sua reprodução. Para evitar estes problemas e seguindo as recomendações de Savage, A.(1995), foi confeccionado uma “mãe substituta” de pelúcia na qual ele passava todo o tempo agarrado e que servia de referência de segurança. A partir daí os eventos relacionados ao seu desenvolvimento foram anotados. 1º mês – nas duas primeiras semanas, ele permaneceu no hospital veterinário, em uma caixa plástica (40x40x30 cm) com a “mãe substituta” e uma garrafa cheia de água com um aquecedor de 5w (água a $\pm 31^{\circ}\text{C}$) e uma capa de pelúcia. Apresentava vocalização baixa sempre que sentia fome. A alimentação era dada a cada duas horas sem que ele fosse diretamente manuseado. Com 10 dias começou a prestar atenção ao ambiente e aos 15 tentava caminhar. A partir daí, passou a ser criado na manobra do recinto dos adultos. 2º mês - passou a ficar dentro de uma caixa de madeira com a frente de acrílico, dentro do recinto. Os adultos se aproximavam, observando-o e tentando tocá-lo, ele se movimentava bastante nas estruturas oferecidas (rede, cordas e galhos), começou a se interessar por alimentos sólidos. Em seguida a caixa de madeira foi trocada por uma gaiola de arame que permitia contato físico e quando a gaiola foi aberta ele passou a explorar também a parte externa. A fêmea mais jovem era quem mais se interessava por ele, mas quando ele se via em apuros e vocalizava, todos do grupo exibiam uma atitude protetora. 3º mês - começou a explorar o recinto, subindo nos troncos e cordas e já se afastava da gaiola e da pelúcia. Acompanhava os adultos no comedouro e começou a comer com eles; 4º mês - parou de usar a gaiola, ficava livre no recinto durante o dia e na manobra à noite. 5º mês - passou a dormir do lado de fora com os adultos. Era visto às vezes descansando ao lado dos adultos com a cauda entrelaçada, em posição típica da espécie. 6º mês - já quase não ligava para a pelúcia, evitava contato com as pessoas e reagia inclusive mordendo. Viu-se que é possível criar um filhote artificialmente, mantendo o contato dele com os de sua espécie e permitindo assim um melhor desenvolvimento comportamental do indivíduo.

Savage, A. (ed) 1995. The Cotton-top Tamarin Husbandry Manual.



XXXI CONGRESSO ANUAL DA SOCIEDADE DE ZOOLOGICOS DO BRASIL - SZB
XIV CONGRESSO ANUAL DA "ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE PARQUES ZOOLOGICOS E ACUÁRIOS" - ALPZA
XVI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VETERINÁRIOS DE ANIMAIS SELVAGENS - ABRAVAS